

FLORESCER: AÇÕES EDUCOMUNICATIVAS PARA A PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER¹

Ariane Pereira²

Ana Gabriela Alves

Chelsea Karina de Brito³

Kayla Lima

Maria Vittoria Freitas

Milena Aparecida Kammer⁴

Ana Julia Campos da Rocha

Gabriela Filipi Rossi

Julia Coutinho⁵

Renata Caleffi

Lucas Pullin⁶

Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro

RESUMO

O projeto Florescer é conduzido por estudantes e professores dos cursos de Comunicação Social da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro), em colaboração com as Secretarias Municipais de Políticas Públicas para Mulheres e de Educação de Guarapuava, desde o ano de 2018 - sempre com financiamento da Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná. Ao longo desse período, mais de 2.000 crianças, com idades entre 8 e 10 anos, matriculadas na rede municipal de ensino, participaram das cinco oficinas oferecidas pelo projeto. Por meio de estratégias de educomunicação, a ação extensionista tem como objetivo desconstruir padrões estereotipados de gênero, visando à redução da violência contra mulheres em médio e longo prazos.

PALAVRAS-CHAVE: gênero; audiovisual; comunicação.

1. INTRODUÇÃO

Em 2015, o "Florescer" foi implementado, inicialmente como um projeto experimental no curso de Jornalismo da Unicentro, com o propósito de elaborar conteúdos informativos que auxiliassem mulheres em situação de violência a identificarem sua condição e buscarem apoio junto à Secretaria Municipal de Políticas

¹ Trabalho apresentado na Jornada de Extensão, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Jornalista, mestre em Letras, doutora em Comunicação e Cultura. Docente do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em História da Unicentro. Coordenadora do projeto de extensão Florescer, financiado pela Seti (Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior do Paraná), via programa Universidade Sem Fronteiras (USF) - ariane@unicentro.br

³ Ana Gabriela e Chelsea são jornalistas, bolsistas recém-graduadas pelo USF.

⁴ Kayla, Maria Vitória e Milena são estudantes de Jornalismo e bolsistas graduandas pelo USF.

⁵ Ana Julia, Gabriela e Julia são estudantes de Jornalismo e bolsistas de extensão.

⁶ Renata e Lucas são docentes do Departamento de Comunicação Social e participantes do projeto.

Públicas para Mulheres (SMPM), então recém-criada. Esse contexto justificava-se pelo fato de Guarapuava, na época, estar entre as 100 cidades com maior índice de violência contra a mulher no país.

Com a divulgação dos materiais elaborados pelos discentes, a SMPM e a Rede Municipal de Enfrentamento à Violência contra a Mulher solicitaram a continuidade da iniciativa. Dessa forma, nos doze meses iniciais como projeto de extensão, o "Florescer" manteve sua produção de conteúdos direcionados às mulheres. Durante essa fase, vítimas de violência buscaram auxílio após entrarem em contato com os materiais educativos – incluindo vídeos, áudios e peças impressas – desenvolvidos na universidade.

Diante desse cenário, optou-se por reorientar o escopo do projeto, transferindo o eixo de atuação para a prevenção. O objetivo passou a ser, então, intervir socialmente para que, dentro de 10, 15 anos, as mulheres do município possam viver sem medo, sem violência e sem sofrimento. Assim, a partir de 2018, o Projeto Florescer consolidou sua atuação por meio da oferta de oficinas educomunicativas voltadas a alunos do 3º ano do Ensino Fundamental da rede pública de Guarapuava, configurando-se como uma ferramenta de transformação sociocultural, em busca de uma sociedade 50-50 como propõe a ONU (Organização das Nações Unidas), na meta 5 dos seus ODSs (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável).

2. OBJETIVO GERAL

A violência de gênero encontra-se profundamente enraizada na sociedade guarapuavana, reproduzindo um padrão histórico de desvalorização do sexo feminino que persiste não apenas no Brasil, mas em diversas culturas ao redor do mundo. Essa estrutura social, fundamentada na ideologia do homem provedor e dominante, naturaliza relações de subjugação feminina, que, por vezes, se manifestam por meio de agressões físicas, psicológicas, morais, patrimoniais e sexuais. O enfrentamento a essa violência demanda, portanto, uma transformação estrutural em múltiplas esferas sociais. Pesquisas sobre violência de gênero, assim como a prática cotidiana em órgãos de atendimento – como Secretarias de Políticas para Mulheres, Centros de Referência de Atendimento à Mulher (CRAMs) e Delegacias Especializadas – evidenciam que a agressão contra a mulher não está restrita a um perfil específico. Tanto agressores

quanto vítimas pertencem a diferentes estratos socioeconômicos, e a violência de gênero ocorre tanto em comunidades periféricas quanto em áreas de alta renda, atingindo desde indivíduos com baixa escolaridade até aqueles com formação acadêmica. Contudo, uma constante permanece: a violência de gênero impacta profundamente a saúde mental de todos os integrantes do núcleo familiar. Dessa forma, a redução dos índices de agressão contra mulheres não apenas beneficia as vítimas diretas, mas eleva a qualidade de vida de toda a sociedade, o que acaba por promover um ambiente mais saudável e equitativo.

A universidade, ao se engajar no combate e prevenção da violência contra a mulher, reafirma sua função social como instituição pública. Essa atuação contribui para garantir direitos básicos, como uma vida sem violência para mulheres e a proteção de crianças contra os traumas causados pela violência doméstica, ajudando a romper ciclos de reprodução de comportamentos violentos entre gerações. Dessa forma, a universidade se consolida como um importante agente de transformação social, atuando tanto como apoio à sociedade quanto como promotora de mudanças culturais. Ao envolver estudantes nesses projetos, a instituição vai além da formação técnica, preparando profissionais mais conscientes e capazes de promover a equidade de gênero e a não-violência em seus futuros ambientes de trabalho. Essa abordagem amplia o impacto social da universidade, demonstrando seu compromisso não apenas com a produção de conhecimento, mas também com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O trabalho desenvolvido gera efeitos que ultrapassam os benefícios imediatos, criando uma rede de transformação que se estende para além dos muros acadêmicos.

Assim, o projeto de extensão "Florescer" utiliza estratégias de Comunicação para contribuir com o enfrentamento da violência contra a mulher nas escolas de Guarapuava. Por meio de oficinas educacionais com crianças da rede municipal busca prevenir novos casos de violência a médio e longo prazos.

3. METODOLOGIA

Em cada turma de terceiro ano do Ensino Fundamental 1, o projeto Florescer desenvolve uma sequência de cinco oficinas. A primeira delas acontece em um espaço aberto e propõe uma dinâmica, simulando um jogo de tabuleiro em que as crianças são as peças e bambolês representam as casas a serem percorridas. Durante a atividade,

perguntas e opções de respostas servem como ponto de partida para apresentar e discutir os conceitos do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) e leva a reflexões sobre cidadania. Um dos temas abordados é a persistente desigualdade entre homens e mulheres, visível tanto nas tarefas do dia a dia quanto nas brincadeiras infantis, servindo de gancho para a segunda oficina.

Nesta, são utilizados brinquedos identificados com o universo masculino ou feminino para evidenciar que crescemos imersos em estereótipos de gênero. Essas ideias restringem nossas experiências e reforçam uma cultura machista, base estrutural da violência contra a mulher. A partir desse debate, introduzimos os conceitos de igualdade e equidade, esclarecendo que, quando a igualdade ainda não é realidade, é necessário promover a equidade, o que exige a implementação de políticas públicas.

A terceira oficina se aprofunda justamente na principal política pública de combate à violência contra a mulher brasileira, que é a Lei Maria da Penha. Iniciamos contando a trajetória da própria Maria da Penha e, depois, trabalhamos os cinco tipos de violência previstos na lei. Tratamos ainda do ciclo da violência, mostramos como interrompê-lo e onde as mulheres podem buscar apoio.

A partir desse ponto, as crianças passam a ter um papel mais ativo, atuando como produtoras e disseminadoras do conhecimento. Isso porque, na quarta oficina, são levados equipamentos de gravação e edição para que as crianças possam registrar o que aprenderam nas dinâmicas, escolhendo o formato audiovisual que desejarem (teatro, vídeo para redes sociais, telejornal, paródia). O material é posteriormente editado pelos bolsistas do projeto.

Na quinta e última oficina, são as crianças que vão até a Unicentro. Lá, em uma sala de cinemas, assistem às próprias produções, exibidas na tela grande. Esse momento marca o fechamento simbólico e afetivo do percurso formativo e educumunicativo promovido pelo Projeto Florescer.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Amparada em Paulo Freire, a educomunicação – teoria e metodologia em que nos baseamos – é uma forma de realizar trabalhos colaborativos, envolvendo a comunidade escolar. Afinal, “é no diálogo, na ação comunicativa que, (...), os seres humanos vão crescendo em consciência, pois consciência é um processo infinito de

busca de respostas, de razões” (GUARESCHI, 2016, p. 124). Também é na interação que, de acordo com Sátira Machado (2016), nos tornamos cidadãos. Na atualidade, esse processo passa ainda pela apropriação das tecnologias, porque muitas das relações sociais são mediadas por elas. “A democratização da comunicação”, defende a autora, “é a porta de entrada para a ampliação dos direitos humanos” (p.141).

A educomunicação, conforme definido por Soares (2000), transcende a mera instrumentalização técnica, pois se concentra na problematização de temas sociais complexos com o objetivo de promover a conscientização sobre a realidade. Segundo o autor, “não se trata, pois, de educar usando os instrumentos da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação” (Soares, 2000, p. 20). Nesse contexto, as crianças participantes do projeto Florescer são incentivadas ao diálogo por meio de perguntas, estratégia educacional que visa estimular o pensamento crítico. De acordo com Pereira, Tomita e Caleffi (2021), “metodologicamente, a educomunicação ocorre pela constante descoberta de novos saberes e práticas pelas vivências empíricas e pela produção realizada” (p. 64), o que corrobora a abordagem adotada no projeto.

5. PRINCIPAIS RESULTADOS

O projeto de extensão Florescer, em 2024, realizou 60 oficinas em 4 escolas municipais, atendendo 300 meninos e meninas, com idade entre 8 e 10 anos. As produções das crianças retratam um presente em que as crianças se reconhecem como iguais e, assim, apontam para um futuro sem violência. Mesmo sabendo que só teremos a confirmação dos resultados do Florescer como o passar do tempo, dados do Cram Guarapuava(Centro de Referência no Atendimento à Mulher), apontam um aumento de 40% na busca por orientação e apoio na SMPM por parte de mulheres residentes no bairro onde o projeto Florescer atua naquele determinado momento.

Os estudantes de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Unicentro que integram a ação extensionista vivenciam, por meio das oficinas, um aprendizado aprofundado sobre gênero, o que os sensibiliza para a importância de integrar essa abordagem nas práticas da comunicação em geral.

Para além disso, o projeto, que é a resposta da universidade a um problema apresentado pela comunidade guarapuavana, por meio da Rede Municipal de

Enfrentamento à Violência contra a Mulher, também evidencia a importância da extensão universitária e do ensino superior na construção de uma sociedade mais justa em múltiplos sentidos de modo geral - e no caso específico do Florescer do ponto de vista de gênero.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Florescer parte da premissa de que a comunicação, especialmente por meio do audiovisual, é uma ferramenta essencial de transformação social, capaz de desconstruir conceitos culturais que sustentam a violência de gênero e promover a equidade. As atividades desenvolvidas junto às crianças mostraram que elas assimilaram os debates sobre violência contra a mulher, indicando uma tendência a não reproduzirem práticas machistas no futuro. Embora os efeitos poderão ser mensurados apenas no longo prazo, já se observa um aumento significativo na busca por informação e acolhimento entre mulheres das comunidades atendidas.

O impacto do projeto também contribuiu para transformar Guarapuava, que em 2012 foi considerada uma das 100 cidades mais perigosas para uma mulher viver, em modelo nacional de políticas públicas de proteção à mulher e prevenção da violência. A parceria entre a Unicentro e SMPM (Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres) foi fundamental nesse processo, permitindo que a universidade exercesse um papel de protagonismo social na mudança da realidade das mulheres e na formação de uma nova geração mais consciente sobre os danos do machismo e a importância da equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

- GUARESCHI, Pedrinho. Consumismo infantil: uma questão ética. In: FONTENELLE, L. (Org.). **Criança e consumo**: 10 anos de transformação. São Paulo: Instituto Alana, 2016, pp. 120-129
- MACHADO, Sátira Pereira. Diversidade e comunicação: gênero e raça/etnia. In: MACHADO, Sátira; SOARES, Ismar; ROSA, Rosane (Orgs.). **Educomunicação e diversidade**: múltiplas abordagens. São Paulo: ABPEducon, 2016, pp. 139-154
- PEREIRA, Ariane; TOMITA, Íris; CALEFFI, Renata. Jornalismo audiovisual na educação básica: uma ferramenta de combate à violência contra a mulher. In: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; MELLO, Edna; Porcello, Flávio (Orgs.). **Telejornalismo e direitos humanos**: pesquisas e relatos de experiências. Florianópolis: Insular, 2021.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, São Paulo, (19):12 a24, set/dez 2000. <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125>>.